



editorial

Em uma cena da comédia *As Aves*, de Aristófanes, Pistétero zomba de seu companheiro Evélpido, que só faz lamentar a falta de sorte: “De fato, como você vai chorar se vão arrancar os seus olhos?”.

Um bom tanto da discussão sobre o fim do jornalismo impresso transpassa uma certa aceitação passiva antes da foice, uma ideia regular de que precisamos derrubar tudo e construir uma nova cidade. Caberia aos breves enforcados apenas cumprir o ritual de passagem, sem questionar outros fatores igualmente fundamentais no entendimento que ronda, neste caso, a leitura no mundo e, especificamente, no Brasil. Ainda mais, se cogitarmos o espectro de um Brasil literário.

Afinal, quem lê? quem não lê? do que sobrevivem os autores que só escrevem? quanto ganham de direitos autorais? por que temos tantas editoras e tão poucos jornais de cultura, sejam de papel ou digitais? quem intermedia? quem emite opinião em troca de participação nas vendas da Amazon?

Ao criticar os descaminhos da filosofia contemporânea, Gilles Deleuze e Félix Guattari definem: “Não nos falta comunicação, ao contrário, temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente”.

Quando defendemos a ideia de resistência, não queremos focar no ideal da literatura como resistência em si, um conceito já bem gasto, e sim como um espaço que não nega a sua marginalização e permanece, entende sua incompletude. Resiste às respostas fáceis. Promove o desconforto.

Certamente, em muitos aspectos o meio literário sobra em sisudez, em pompa, como se fôssemos os antigos juristas britânicos adornados de cabeleiras postiças. George Eliot, sem medo do século 19, dizia que a literatura é a coisa mais próxima da vida. Pensamos que, ao entregarmos um recorte mensal do que acreditamos ser boa literatura – em todas as suas vertentes –, auxiliamos no processo de incompreensão da vida, diante que estamos de todas as belezas estrangeiras, de todo o humor que nos fragiliza, de toda a capacidade de nos surpreendermos diante de uma locomotiva cuspidando violetas.

Uma boa leitura a todos.

disso de dinheiro

ENTRADAS

Assinantes: R\$ 100 Manoel Ramires; R\$ 50 Henrique Jr.; Fernando Severo; Gustavo Jugend; Eduardo Roemers; Sieglinda Zanella; Fabiano Favretto; Henrique Pitt; Fernando Maroja; Adriana Barretta Almeida; Assis Furtado; Edra Moraes; Andréia Gavita; Celso Alves; Ana Claudia Dacoregio; Adriano Feitosa; Adilson Gonçalves; Darlan Jevaer Schmitt; Ester Mendonça; Ronaldo Duarte; Francine Cruz; Ulisses Moreno; Douglas Santos; Rose Cipriano; Richard Plácido; Beto Costa; Airton Souza; Kátia Nascimento; Simone Brantes; Melissa Schaikoski; Thayna Bressan; César Carvalho; Marina Braga; Eliane Phol; Isabella Monteiro; Carina Romanchuc; Gabriela Lima; Renata Crevelin Nogueira; Eduardo Kutianski; Claudia Lopes Bório; Eric Chen; Cristiano Pitt (Total: R\$ 2.150)

Anunciantes: R\$ 300 Allejo; R\$ 100 Editora Penalux; Livrarias Joaquim R\$ 50 Ehlkefarma; Insight Coworking; Fisk; Vem da Val; Rita Maria Kalinovski (total: R\$ 750)

SAÍDAS

Gráfica: R\$ 2.260
Distribuição: R\$ 400
Assinantes: R\$ 700
Papeleria: R\$ 10
Tela de edição (parcela 1): R\$ 600
Redes ditas sociais: R\$ 30

CUSTOS TOTAIS: R\$ 2.900
RECEITA TOTAL: R\$ 3.000

Balço de setembro de 2017: -R\$ 100

imagens dessa edição

As ilustrações desta edição são de autoria de Conde Baltazar. Não deixe de apreciar o trabalho dele na interwebs por aqui: condebaltazarblog.wordpress.com ou [instagram.com/condedrawing](https://www.instagram.com/condedrawing)

assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

publique

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe foto-grafias. O **RelevO** abarca projetos acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas, ameaças inbox. Mande seu material para contato@jornalrelevo.com.

VOANDO

Daniel Perroni Ratto Acaba de chegar em casa o **RelevO**, de Curitiba. Um dos únicos e mais importantes veículos impressos sobre literatura do Brasil. Fiz um cafezim pra terminar o deLERite! A existência de iniciativas como essa é fruto da persistência, da resistência e de sonhos. E uma parte fundamental do processo somos nós, leitores. Faça uma assinatura, faça a literatura viver! EvoÉ!

Helena Ortiz Confesso que não conhecia o jornal, e o faço agora por conta da resenha de Roberto Dutra Jr. para meu livro. Gostei muito do que vi e jornal é o que mais me interessa. Me chamou a atenção a sessão de cartas: as pessoas escrevem certo. E também a prestação de contas da edição. É a primeira vez que vejo.

Daniel Osiecki Adorei essa edição. Me deleitei com o Amargo Relhado.

Da redação: A gente também!

BELÍSSIMO

Fernando Maroja Apreciando o belo **RelevO** e a sua reunião de belas fotografias e literatura. Parabéns!

Otto Vasco Quantas histórias tristes, alegres, quantos momentos bons, o casal da capa da edição de setembro teria para nos contar?

Claudio Bernardeli Hespanhol Legal! Que bela foto de meus padrinhos.

PELO BRASIL-SIL

Ben-Hur Demeneck Um dos gargalos da imprensa brasileira, o **RelevO** tira de letra: distribuição. Parabéns!

Laercio Silva Belo projeto gráfico aliado ao conteúdo, parabéns à equipe do **RelevO**!

Da diagramadora: Servimos bem para servir sempre!

CONEXÃO SALVADOR

Valter Bittencourt Júnior Já venho acompanhando algumas publicações do **RelevO**. Fico feliz em receber os exemplares, até porque valorizo muito o trabalho que vocês estão fazendo pela nossa literatura.

Marli Voigt Alegro-me com o recebimento mensal do **RelevO**. Acrescenta ao meu viver. Sucesso!

Deolinda Camargo Machado Que maravilha o trabalho deste pessoal! Muito bom!

Lis Rosa Vocês são incríveis! Avanteeee!

Edra Moraes Eu assino. Chegou ontem aqui em casa, tenho um ritual para leitura. Abrir as janelas, luz natural, café e dá-lhe poesia. Gente, é uma delícia. Você recebe em casa e tem aquela sensação antiga de ler novidades.

Flavia Calise Enorme trabalho!

Jaqueline Godoy Parabéns pelo jornal! Sucesso!

Gustavo Jugend Assina o **RelevO** aí! É dahora!

OP@

Juliano Penedo Não gostei da proposta das centrais da edição de setembro. Acredito até que o jornal deveria tomar mais cuidado com o que publica. Depois encontra as pessoas envolvidas...

Da redação: Tamo nas quebradas!

Cristiano Pitt Muito bom o periódico. Só as páginas centrais da edição de setembro já valem a assinatura.

Da redação: Queremos confusão!

UPDATE

Cristiano Pitt Depois de alguns dias de falta de:

() tempo

() dinheiro

(x) vergonha na cara

hoje fui ao BB depositar meus cinquenta pila.

Henrique Jr. Recebi ontem o **RelevO** de setembro – que já estou devorando –, mas ainda não recebi a Edição de Colecionador 7. Será que já está a caminho? Abraços!

P.S. Fiquei com medo de escrever esta carta depois de ler as “tretas” publicadas no último número: “Grandes diálogos com o meio literário”. Rsr

Da redação: pode ficar tranquilo, Henrique Jr., a sua coleção vai chegar em breve. Václio logístico nosso por aqui.

Ana Krüger MEU DEUS Grandes Diálogos Com o Meio Literário! MELHOR PUBLICAÇÃO. AMEI! Muita discussão boa. Aquela dos depósitos falsos ♥ sensa e, mano, meu nome não tá na planilha de prestação de contas dos assinantes AINDA. Puta merda, eu só dou dinheiro para esse jornal, faço propaganda, arrecado likes NÃO SEI SE SERIA INTERESSANTE MINHA MÃO NA CARA DE ALGUÉM DA REDAÇÃO (acho que já dá para publicar essa treta).

Josette Garcia O **RelevO** é um veículo incentivador da literatura e da arte. Recomendo.

Claudia Lopes Borio Eu assino este jornal, que é uma das delícias literárias aqui de Curitiba. É super baratinho e sempre traz coisas boas e altas ilustrações! :) e é IMPRESSO, raridade!

Juliana Silveira Sim, o **RelevO** é uma das delícias literárias daqui! Assino também e sempre vou atrás do Cândido, da Biblioteca Pública do Paraná, outra paizãozinha minha! ♥

Dulcineia Mesatto Vamos contribuir com o **RelevO**. É uma publicação cultural independente, editada mensalmente em Curitiba e que precisa continuar existindo.

TÁ BARATO TÁ BARATO

Mitsuo Florentino Tenho o orgulho de dizer que: sim, vamos juntos por mais um ano. Aliás: o meu intuito agora é pagar cem reais pela assinatura. E cem reais ainda é pouco, diga-se de passagem; futuramente – e em um futuro nem tão distante, vale frisar –, eu pretendo pagar um pouco mais pela assinatura. Não por caridade barata, nem por, sei lá, um sentimento pueril de dever-a-ser-cumprido; e sim pela confiança que eu tenho no trabalho desenvolvido: um trabalho – um puta trabalho – admirável e de tremenda qualidade.

Tatiany Leite Muito bacana o jornal, eu não o conhecia.

Ademir Pascale Parabéns pelo trabalho de vocês. Li um pouco sobre o **RelevO** na fanpage. Esse ano não está muito fácil pra ninguém (descartando os políticos), tentamos sempre buscar alguma alternativa para sobreviver e a força de vontade e o gosto pela literatura sempre falam mais alto. Espero que 2018 seja melhor para todos (é o que desejamos todos os anos, que o ano seguinte seja melhor).

Brenda Lorrainy Que legal esse impresso mensal! ♥ Lembro vagamente de ter visto em um outro canal a respeito desse impresso e ter ficado interessada.

Milson Moraes Tive o prazer de ver o **RelevO** no Issuu. Gostaria de tê-lo impresso.

Sarah Rebecca Kersley Foi uma linda surpresa chegar de viagem ontem de noite e ver a edição de julho me esperando. E logo, ainda uma alegria maior de ver a edição de agosto hoje. Muito feliz e muito grata! As duas edições parecem maravilhosas. Vou lendo tudo bem devagar para não acabar tão cedo. :-)

Luciany Aparecida Sempre leio o **RelevO** aqui em Salvador, na Livraria Boto-cor-de-rosa.

Lis Claudia Ferreira Alô, é o Zanetti?

Tiago Feijó Que jornal bonito e criativo. Se lê com gosto, e uma rapaziada de agora. Legal. Muito bom, satisfeito aqui.

Ronaldo Duarte Importante apoiar quem merece e faz um baita trabalho.

Clarissa Wolff Aaaaaah que incrível! Tô olhando a página de vocês aqui no Facebook e é muito massa, tô louca pra ver as edições impressas.

Arzório Cardoso O meu primeiro exemplar da assinatura do **RelevO** chegou. Bela edição!

ONDE ENCONTRAR O RELEVO

Castro

Biblioteca Pública Municipal Bernardo Litzinger
Biblioteca Cidadã Professora Nelsi Kugler
Espaço Cultural Casa da Praça
Casa da Cultura Emilia Erichsen

Ponta Grossa

UEPG – Jornalismo e Letras
Biblioteca Municipal
Bar Romanóv
Frederikos Cervejas & Cervejas
Boteking
Caffee Maria's

Curitiba

Agendarte
Ao Distinto Cavalheiro
Ave Lola
Baba Salim
Bar da Produção
Bar Fidel
Bar Stuart
Biblioteca do Paço
Biblioteca Pública do Paraná
Bristol Hotel
Brooklyn Café (Trajano Reis)
Café Avenida
Café do Teatro
Café Express
Café Lisboa
Café Mafalda
Café Mitre
Casa Artes Visuais
Casa das Bolachas
Casa Verde
Centro Europeu
Choripan
Creative Mornings

Araucária

Arquivo Histórico Municipal
ASPMA
Banca do Zebrão
Banda Municipal
Bar do Tiko
Biblioteca Pública Emiliano Pernetá
Câmara Municipal
Casa do Artesanato
Casa da Cultura
Casa das Palavras Brincantes
Casca Bar
CEU

Dizy Café Concerto
ESA
Faculdades Santa Cruz
Fingen Café
Freguesia do Livro
Gazeta do Povo
Hotel Full Jazz
Itiban Comic Shop
Joaquim Livraria
Kapele Bar
Kiko's Bar
Livraria Arte & Letra
Livraria do Chain
Multi Irão
Nobresy Pan
O Torto Bar
PUC – Comunicação e Letras
Provence Boulangerie
Panificadora Quintessência
Pedro Lauro
Rause Café e Vinho
Restaurante Mamba

Sebo Santos
Sebo Arcádia
Selvática
Sindijor
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tuboteca
UP – Jornalismo e Biblioteca
Universidade Tuiuti – Coordenação de Jornalismo
UFPR – Biblioteca de Ciências Humanas, Centro Acadêmico de Letras e Biblioteca do SEPT
UniBrasil – Biblioteca e Coordenação de Jornalismo
UTFPR – Biblioteca e Copa dos Professores
Uniandrade – Biblioteca

Belém

Livraria Fox

Brasília

Casa Frida Kahlo
Biblioteca do Núcleo Bandeirante
Casa da Cultura do Núcleo Bandeirante

Contenda

Biblioteca Pública Municipal
Escola Municipal Vanilda Dzierwa
Panificadora Gaspar
Panificadora Schinda
Prefeitura Municipal

Londrina

UEL

Teixeira Soares

Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares
Departamento de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico
Escola Municipal Madre Rosa Rosato

Campo Largo

Biblioteca Pública Municipal
Casa da Cultura
Inspirarte Centro Cultural
Museu Municipal
Sebo Só Ler

Palmeira

Biblioteca Municipal Moisés Marcondes
Secretaria de Esporte e Cultura
Livraria e Papelaria Lima Limão

Lapa

Panificadora Zeni
Mundo da Leitura
Livraria & Papelaria Nanise
Posto de Informações Turísticas

Colônia Witmarsum

Supermercado Eurich
Restaurante Leão de Judá

São Luís

Livraria Poeme-se
Sebo do Arteiro

Teresina

Casa da Cultura
Biblioteca Cromowel de Carvalho
Café da Gota Serena
Espaço Artístico e Galeria Sobrado
Espaço Galpão

João Pessoa

A Bodega Arte Café

Salvador

Livraria Boto-Cor-de-Rosa

Juiz de Fora

FLUX
Espaço Excalibur
Biblioteca Pública Murilo Mendes

Rio de Janeiro

Arlequim
Casa do Choro
Letra Viva Filial
Livraria Berinjela
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Instante do Leitor

São Paulo

Casa Guilherme de Almeida
Instituto Moreira Salles
Patuscada Bar
UGRA PRESS
Comix
Intermeios Casa de Arte & Livros
Banca Tatuí

São Bernardo do Campo

Biblioteca de Arte Ilva Aceto Maranesi
Biblioteca Guimarães Rosa
Biblioteca Manuel Bandeira
Biblioteca Monteiro Lobato

Araraquara

Biblioteca da Unesp
Biblioteca da Chácara Sapucaia
Biblioteca Pública Municipal
Casa da Cultura
Palacete das Rosas

Taubaté

UniTau

APOIADORES

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)
Assis Furtado (Araraquara)
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)
Demétrios Galvão (Teresina)
Dinovaldo Gilioli (Florianópolis)
Joseani Netto (Santos Dumont)
Severo Brudzinski (Curitiba)
Silvio Demétrio (Londrina)
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

APOIADORES são assinantes do Relevo que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Infográfico por: Bolívar Escobar

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Incômodo

Acabei em uma posição incômoda. Eu deveria, para cumprir com certa razoabilidade minha função de ombudsman, apontar o que me parecera ruim na edição anterior, de setembro, do jornal. Só que me diverti bastante com a leitura do **RelevO** de agosto. A página central, com um conto formado por trocas de emails entre o editor e alguns leitores, acabou me gerando umas boas risadas. E realmente valorizo coisas engraçadas, até porque vivemos em uma realidade cada vez mais indigesta, o que torna o humor raro e também difícil de fazer.

O projeto gráfico parece também ter sofrido uma alteração, tornando-se um pouco mais leve, o que é um ganho. E o jornal continua superavitário, o que também nos tranquiliza bastante.

Quanto ao conto citado, achei que faltou apenas algo a mais no trecho da personagem Gabriella Feden. Não ficou claro se Daniel Zanella a estava paquerando. A resposta, enfim, parece ter sido promissora em caso positivo. Mas acho que, ainda que as coisas tenham se encaminhado para certa intimidade entre os dois, faltou para o leitor ao menos algum tipo de esclarecimento.

Do mesmo jeito, não entendi muito bem por que o primeiro interlocutor, o mais divertido de todos, não recebeu um nome, mas sim a alcunha de Amargo. Evidentemente, ele está mesmo bastante amargurado, mas como os outros não

ganharam apelido, parece que ele é o que mais irritou o narrador. Pelo tom das mensagens, porém, a personagem Daniel Zanella se irrita mesmo é com Ulisses Louzeiro, chegando inclusive a agredi-lo verbalmente.

Não são defeitos, porém, que comprometam o conto. A parte da Suzana César, por exemplo, está muito bem feita. Sinto falta, no contexto contemporâneo, de textos de ficção que sejam formados por essas novas maneiras de interação como o email, as redes sociais e outras. O fato ainda da personagem Zanella insistir, no ambiente virtual do conto, que está lidando com um jornal impresso acaba causando uma fricção também curiosa.

Eu tomaria ainda um pouco de cuidado com o título. Ao afirmar que está criando um diálogo com o meio literário, parece que apenas um dos interlocutores faz parte desse ambiente, quando obviamente não é assim. Aqui, também sublinho que é muito difícil ver os veículos assumindo-se como personagens de uma trama e enfim se colocando não como centro ou suporte de uma narrativa, mas parte dela.

Acredito, inclusive, que o autor deveria ampliar o conto, pensando mesmo em um romance. Mas aí não sei se estou reivindicando algo para me satisfazer: apenas sublinho que é esse o tipo de ficção que me parece a mais relevante hoje.



LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

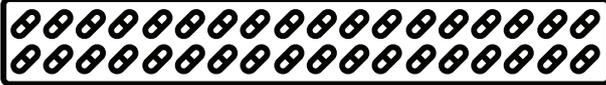
INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

FISK
 CENTRO DE ENSINO
 3642-3690 3031-7040
 R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

DEFENESTRANDO.COM

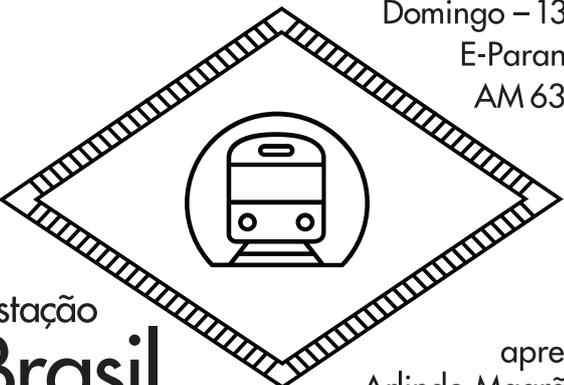


Farmácia
Ehlkefarma



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
 ARAUCÁRIA-PR (41) 3642-1128

Domingo - 13h
 E-Paraná
 AM 630



Estação **Brasil** apres. Arlindo Magrão

ADVOCACIA
 CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA
 CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
 OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
 SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR
 (41) 3564 7194 (41) 984 405 050

TOGURDS
 F DÄ C V M Z
 J DA Ñ È B Q
 W R T L E I O
 U P O L Ò L TRA

TODALETRA.COM.BR



ALLEJO.COM.BR



Editora **Penalux**
 facebook/penaluxeditora
 + de 25 mil curtidas

Envio de originais:
 originais@editorapenalux.com.br

5 anos
 25 de julho. Desde 2012
 publicando bons livros

Chegamos ao quinto ano de atividades com quase 500 títulos no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros. Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.

Miss Dollar STORIES BY MACHADO DE ASSIS

Traduzido por Greicy Pinto Bellin e Ana-Lessa Schmidt

Adquira o seu exemplar em:

AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com




por
Melissa e Phellip

facebook.com/ilustramel
catarse.me/saudade

A Revolução está apenas começando.

Rádio Cultura
CURITIBA 930KHZ

cultura930.com.br

Cultura
No seu Dial | AM 930
No Aplicativo
No Site

WhatsApp (41) 98 5050 930
Anuncie na Cultura (41) 3013-3280



O CANAL DE QUEM CANTA, AMA, FAZ E PENSA MÚSICA

Vem da Val

Para cantores e músicos profissionais e amadores
Vídeo-aulas, vídeo-clips e vídeo-artigos originais que vão varrer todas as suas dúvidas – confira!

YouTube Vem da Val



Ei, você! (é, você mesmo!)

**ANUNCIE NO
RELEVO!!!**

ESCREVA PARA:
CONTATO@JORNALRELEVO.COM



O vestido de domingo

Ruth Ducaso*

Nissinha engravidou 13 vezes. Não quis nenhuma. Mas gerou as treze. Treze crias saíram naquela casa. Entre os roceiros era a casa mais bonita. A maior. O marido de Nissinha era o mais bonito. O maior. Era na roça de paletó branco, sapato branco. Se no morro, era sambista. Mas na roça, era roceiro. Nada disso era nada para Nissinha. Nissinha não queria parir. Nissinha paria todo ano. Nissinha só estava grávida. Nissinha não podia estar sozinha. Nissinha reclamava do verme que a acompanhava há mais de 10 anos. – São os vermes! Dizia Nissinha para qualquer problema anunciado.

A raiva de Nissinha só crescia. Os caídos se criavam. Nissinha queria ser só. Sonhava com a solidão de gente. Nissinha não sabia de viver o que seria aquilo. Nissinha queria que algum daqueles vermes lhe trouxesse um presente: a desvida. Já que não paravam de cair, que lhe dessem ao menos essa alegria. Começou a desejar esse presente na quarta cria. Cinco, seis, sete, os anos seguiam iguais para Nissinha. E nada era dela. Nada lhe traziam. Nissinha escondia a barriga.

No domingo, Nissinha, estando no pequenino sexto mês do décimo terceiro, foi seguida das crias a casa da vizinhança. Uma das, notou: – Nissinha, que barriga é essa? – Isso é minino! Aquilo feriu Nissinha, que não disse nada. Seguida da incompreendida ninhada, Nissinha caminhou para casa. A maior casa. Era domingo, dia de dores na rua. O maior marido lambia a dor na venda. E Nissinha?! Chegou em casa. Andou forte, chutando os atrapalhos, vasculhou as repartições. Achou a brilhosa tesoura e ás! Os filhos olharam a mãe. Só viam as cartas caírem, coloridas. Chão sem cor. Chão colorido. Brinquedo de menino. Os meninos brigavam pelas partes. Nissinha com a tesoura na mão e o vestido que lhe denunciou a gravidez ferido: não teve coragem para mais nada, nem para expelir o treze.

Finalmente presenteada, Nissinha deixou para as lembranças dos que lembraram um vestido magoado no domingo. O maior marido fez de todos os dias domingo e se lambia sem parar. A ninhada se espalhou à-toa pelos outros dias da semana.

Texto integrante de *Contos Ordinários de Melancolia* (ParaLeLo 13S, 2017)

*assinatura estética de *Luciany Aparecida*



O Joe Sacco brasileiro

Joe Sacco denuncia os conflitos da Palestina e de Sarajevo. Robson Vilalba documenta e reporta a ditadura 1964-1985, o Massacre de 29 de Abril, a renúncia de cartola do Paraná Clube e as rapinagens de Michel Temer e Eduardo Cunha. Sacco e Vilalba enquadraram e roteirizaram temas que não estavam no gibi. Ambos se tornaram expoentes do jornalismo em quadrinhos. Depois de o noticiário da Lava-Jato desbançar o grão de soja como principal commodity exportada pelo Paraná, o autor resolveu colocar mais uma vez seu nanquim a serviço do noticiário. Foi às ruas, aos gabinetes, aos livros e em bancos de imagens para entender como Curitiba passou de capital a republiqueta. Aqui, o **RelevO** publica conteúdo inédito, que em breve sairá pela editora Veneta.

Como você se tornou personagem de seu novo livro-reportagem em quadrinhos?

Pensei muito antes de usar esse recurso. O fato de eu morar na cidade em que começou a Lava-Jato me fez uma espécie de testemunha dos fatos que estão se desenrolando. Presenciei várias situações. Sou uma espécie de fonte do livro e tenho uma proposta estética para me incluir como personagem. A maior parte das cenas em que eu apareço, eu estou de costas e sirvo de guia para o leitor. A textura da cena também é diferente de quando sou narrador onisciente.

Você se baseia em fotos jornalísticas para produzir seu trabalho?

Uso muita referência de foto. Normalmente, eu tento recriar a luz da cena. E penso muito nos gestos presentes no desenho por estarem numa dimensão do sensível, porque ficam além do informativo. Quando eu faço uma releitura de uma foto – às vezes até consagrada –, eu tento criar uma atmosfera que tenha a ver com o tom da narrativa da reportagem que estou produzindo. Em geral, é uma atmosfera noir, marcada pela tensão.

O discurso da “República de Curitiba” cria alguma distorção da cidade?

Acho que não. A “República de Curitiba” contém a contradição de uma cidade que preza por valores, mas de maneira muito conservadora e provinciana. Encaro esse discurso como sintoma do processo de modernização de uma cidade que não superou suas relações arcaicas. É como a relação aristocrática de separação entre aqueles que merecem a proteção da lei e os que merecem seu rigor.



Trecho de livro inédito de Robson Vilalba, que será publicado pelo selo Prensa da editora Veneta.

Leandro Alva (trad. Marcus Groza)

Catódico Apostólico

En la tele
hay una mujer con las manos vendadas.
En las vendas
hay manchas de sangre;
ella dice que tiene
los estigmas de Jesucristo,
y en su pueblo
la veneran como si fuera una santa.

Cambio de canal;
una boa se traga un animal indiscernible,
un bocado demasiado grande.
Entonces, mi espanto
busca otra vez
las manos sangrantes
pero se topa con el culo de una modelo.

Animales
voraces como culos
y estigmas sin calvario
desfilan hacia el acantilado.
No encuentro el control remoto.

Catódico Apostólico

Na tevê
há uma mulher com as mãos enfaixadas.
Nas faixas
há manchas de sangue;
ela disse que tem
os estigmas de Jesus Cristo,
e em seu povoado
a veneram como se fosse uma santa.

Mudo de canal;
uma jiboia engole um animal irreconhecível,
um bocado grande demais.
Então, meu espanto
busca outra vez
as mãos ensanguentadas
mas encontra o cu de uma modelo.

Animais
vorazes como cus
e estigmas sem calvário
desfilam em direção ao penhasco.
Não encontro o controle remoto.

Barquitos de papel

Espero el tren frente a la cancha de Atlanta
El intento de justificar naufragios mediante la filosofía
es un consuelo equívoco;
archivar el fracaso
ver qué opinan Platón o Schopenhauer,
rastrear esbozos biográficos
de artistas impares
para comprobar sus angustias
y decirnos:
a Tchaikovsky también le pasó...
Nada de eso sirve,
en la noche del ateísmo fatigado
sabemos que no somos ellos,
que no tenemos nada en común
excepto ese fracaso
tan impersonal
como la fauna
de un quirófano.

Barquinhos de papel

A intenção de justificar naufrágios por meio da filosofia
é um consolo equívoco;
arquivar o fracasso
ver o que opinam Platão ou Schopenhauer,
rastrear esboços biográficos
de artistas ímpares
para comprovar suas angústias
e dizer:
com Tchaikovsky também aconteceu...
Nada disso serve,
na noite do ateísmo fatigado,
sabemos que não somos eles,
que não temos nada em comum,
exceto esse fracasso
tão impessoal
quanto a fauna
de um centro cirúrgico.

Leandro Alva nasceu em Temperley, Buenos Aires. É autor do livro Tundra (2011) e já participou de festivais de poesia no México, na Costa Rica e na Espanha. Estudou Letras na Universidade de Lomas de Zamora e na Universidade Carolina de Praga.

A redação do **RelevO's Corp**, especializada que é na arte de bem especializar, teve acesso ao escritório compartilhado de Will Win e traz, em segunda mão, uma entrevista inclusiva com o nosso Master Practitioner. Além de fotos de bastidor, “gosto do ângulo oblíquo”, Senhor Win surge em toda a sua polivalência, refletindo à vontade sobre o sentido da vida.



Link para o recém-criado Medium do Jornal **RelevO**. Provavelmente. Não testamos. Quem usa QR Code?
www.medium.com/jornalrelevo

5 dicas de William Winner para uma vida mais completa

NUNCA PEÇA DESCULPAS

Cada minuto que você passa pedindo desculpas é um minuto que você não vive porque está pedindo desculpas. Essa é uma frase que valorizo demais – causa até um desconforto mesmo. É de autoria do meu brilhante colega Leandro Kaval. Em todo caso, não peça desculpas, vá em frente: é o mundo que deve te acompanhar. Ninguém mantém uma *startup* de comunicação digital inovadora sem fazer alguns inimigos.

OUÇA, MAS TAMBÉM FALE. ENQUANTO OUVI

Todo grande gênio se destacou por ouvir muito. Vide Confúcio, Nietzsche e Jay-Z. Mas todo grande gênio também se destacou por falar muito. Vide Confúcio, Nietzsche e Jay-Z. É uma escolha. Como qualquer escolha, também carrega o peso: o peso da escolha. Então ouça muito. Aprenda com o erro dos outros. Também aprenda com seus erros. E tente muito. Mas de preferência não erre.

NUNCA DEIXE PARA AMANHÃ O QUE VOCÊ PODE FAZER QUANDO QUISER – INCLUSIVE AMANHÃ

WILLIAM = WINNER | BOM | DINHEIRO | SEXO | JUVENTUDE | REALIZAÇÃO
| FELICIDADE | FORÇA | SUCESSO | PAU MAIOR | CORAGEM | SE PROGRAMAÇÃO
NEUROLINGÜÍSTICA REALMENTE FUNCIONASSE A VIDA SERIA BEM MAIS TRANQUILA PARA TODOS

NUNCA DEIXE DE FAZER CARIDADE. PRINCIPALMENTE CONSIGO MESMO

Seja você é CEO, CFO ou apenas CDF, a verdade é que não há nada melhor do que ajudar ao próximo. Também é verdade que não há nada mais próximo do seu coração do que o seu coração. Seja legal com os outros, mas entenda que, afinal, é preciso ir em frente. A vida não é para amadores – qualquer coach *top player* sabe disso.

APLIQUE UM SUICÍDIO FODIDO

Pensou que eu não fosse vender meu peixe? Capaz, cara: enquanto eles choram, eu vendo lenços. Umedecidos. Para a *bundinha* daqueles que não aguentam. Já parou para pensar que sua vida só se completa com uma morte? Provavelmente não. Mas me deixe falar uma coisa: sua vida só se completa com a *sua* morte. E a sua morte só é realmente sua se você a planejar. Trabalhe com o melhor coach de suicídio desse país e descubra que talvez você nunca tenha vivido.



Fiquei sabendo que você quer morrer. Também fiquei sabendo que você não é um desses caras que se conformam com o normal, com o que *todo o mundo faz*. Fiquei sabendo que você sempre quer mais.

Nesse caso eu tenho o prazer de me apresentar a você, colega. Meu nome é William Winner, e nós somos colegas, sim. De quê? De inconformismo, de intensidade – colegas de pensar fora da caixa. Confie em mim, eu reconheço um pelo olhar. O seu é inquieto, é feroz. Você não é como os outros; você inova dentro da sua essência. Então deixa eu te contar uma coisa: alta performance de suicídio é estratégico. Quando você aceita isso, não aceita mais o médio.

Vem cá, você acha que a Virginia Woolf entrou no rio porque queria pescar? Que o Hemingway estourou o crânio para cuidar de uma cárie? O Mishima não planejou *seppuku* por um ano para desistir na hora H porque “passou um filme na cabeça”. Porra nenhuma. Eles pensavam grande. Eles tiveram muito coaching. Eu aprendi muito com eles, e chegou a hora de passar um pouco disso para você. De caminhar com você, e de também aprender com você. É por isso que eu te faço uma proposta: deixe eu ser seu coach e desbravar o caminho contigo. Sinceramente? Você também vai ficar muito feliz em me conhecer.

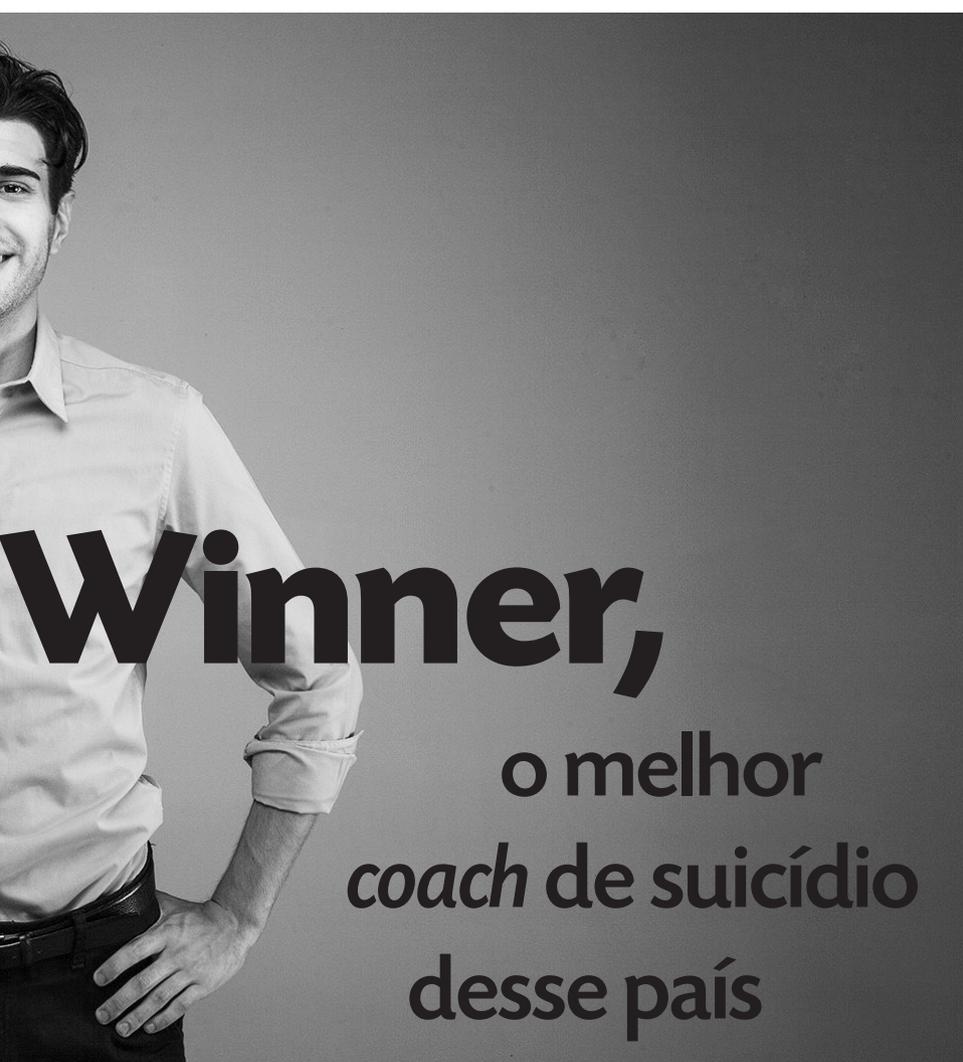
Eu quero te ajudar, cara, mas sei que você não é do tipo que pede ajuda.

Acontece que ninguém está te fazendo favor, não. Esse processo todo não é uma brincadeira, e sim uma elevação. A palavra aqui não é morrer, mas transformar.

Coachee meu é livre. Sabe o que é ser livre? Não se ofenda com a pergunta – a maioria *deles* não sabe. Ser livre é ter um caso de amor com a própria vida. *Coachee* meu vive intensamente. Morre intensamente. É enterrado – ou cremado – intensamente. Ou os dois, por que não? *Coachee* meu não trabalha com limites; trabalha com oportunidades. E a oportunidade é você quem faz. Juntos, nós economizamos promessas para acumular riqueza em atitude.

Pense em mim como seu catalisador: o potencial já está dentro de você. Tudo aquilo de que você precisa é inteligência emocional. É autoconhecimento. O que eu faço? Apenas dou um empurrão. (Simbólico. Uma ocasião sobre a qual não preciso me pronunciar, exceto por intimação legal, não me permite efetuar outro empurrão, e meu advogado – aquele *caxias* que joga conforme as regras – me obriga a sempre deixar isso claro. Mas pode ter certeza de que estarei lá com você.)

Olha só. Quem é *coachee* de Will Win paga apenas uma vez. Desde que larguei meu emprego monótono, passivo, *boring* de engenheiro para tomar as rédeas do meu destino por meio do *coaching*, nunca tive qualquer reincidente. Isso é fruto de muito trabalho, pois cada passo é uma



força, e cada reconhecimento de força é mais um passo. Lembre-se: vencedor não é quem não cai; é quem cai e consegue se levantar. No seu caso, vencedor é aquele que não se levanta de jeito nenhum.

Work hard, play hard, die hard. Porque te digo uma coisa, e te digo de alma para alma: a sua mente sempre vai tentar te jogar para sua zona de conforto. Sempre, cara. Não permita. Mostre para ela que você está no controle. O crescimento começa quando o conformismo termina. Perceba, portanto, que a vida é um eco: se você não está gostando do que está recebendo, observe o que está transmitindo. Comigo, você vai transmitir luz. Qualquer luz? Não, não. A luz de quem voou tão perto do Sol que agora flameja até o cu em direção ao solo. Eu pediria desculpas pelo palavrão, mas sabe como é... sensações intensas exigem palavras intensas. Às vezes, nós passamos tanto tempo nos desculpando que esquecemos de viver. Às vezes, nós vivemos tanto conforme as regras dos outros que esquecemos de morrer conforme as nossas.

Ainda não está convencido? Disso eu tinha certeza – você não é desses que compram qualquer ideia fraca. Então vem que eu te mostro os *steps*. Primeiro, a gente tem um *meetup*. Esse momento inicial é ideal para te conhecer melhor, saber de suas conquistas e de suas fraquezas. Depois de muito *brainstorming*, traçamos o seu perfil: você está mais para uma

garagem fechada ou prefere a paleta de cores da imolação? Somente após algum tempo de *coaching* é que pensamos no seu *action day*. Até lá, meu caro, é meditação ativa, força de vontade e muito foco. Foco! Afinal, se você quer mesmo se matar, você precisa de um *edge*. Mais do que isso, seu *edge* precisa alcançar o *estado de flow*—e você não vai chegar lá com qualquer *mindset*. Você precisa de um *mindset* que te forneça os melhores *insights* nessa jornada em direção ao breu. A sua carta de despedida vai ser alucinante, e não por acaso. Vai ser alucinante porque você vai ter atingido seu *estado de flow*. Comigo você vai se matar, mas vai se matar fodido. *Coachee* meu não é encontrado em condições misteriosas, não. *Coachee* meu é *top player* – corte na vertical, miolo no teto, testa no chão.

Olhe aqui nos meus olhos. Se você não está levando o suicídio a sério, nem perca seu tempo, muito menos o meu. Nós somos donos e capitães dos nossos barcos – você pode não dominar o mar, mas pode controlar sua própria vela. Vem comigo que eu te ajudo a afundar a sua. Afinal, você prefere enfrentar o desafio ou continuar aí morrendo de velhice? Então trate de anotar o endereço do meu *coworking*.

William Winner,

Master Practitioner Suicide Coaching

Entrevista com Will Win

Win, o que é ausência de felicidade pra você?

Ausência de felicidade é meramente a presença de ausência de felicidade. Venha morrer comigo.

Qual o seu livro não lido preferido?

Sofrimentos do Jovem Werther: chato demais pra terminar, mas suicídios que servem de inspiração.

Como você prospecta clientes?

Não posso revelar muito, afinal, falo disso em meu TED Talk. Ele já foi gravado e deve ser liberado em breve. Mas posso adiantar uma coisa: ...

Sim?

O quê?

Você não ia adiantar alguma coisa?

Ah, sim. Perdão. Como diria a minha avó, uma senhora muito sábia: “a lágrima não cai onde a quimera voa”.

Não sei se entendi. Como costuma ser um dia comum para William Winner?

Não existem dias comuns.

Tudo bem, mas como é a sua rotina?

Não cedo à rotina.

Ok. Qual é o case de 24 horas mais épico de William Winner?

Eu acordo às 5 horas – se você não vê o Sol nascer, como pode exigir que ele te ilumine? Medito utilizando um *app*. Leio trechos pré-selecionados de Deepak Chopra. Converso comigo mesmo na frente do espelho. Escrevo um parágrafo da minha autobiografia. Me visto. Tomo uma ducha. A água é gelada. Medito com outro *app*. Tomo uma ducha quente. Chamo o Uber. Peço para ele seguir um caminho diferente por dia – nunca repita rotas, é o que conformados fazem. Chego no *coworking*. Meu *junior suicide coaching assistant* prepara o café. O café tem grãos 100% arábica. Medito utilizando o segundo *app*, e em seguida medito utilizando o primeiro *app*. Reaproveito a borra do café para desenhar o sonho da noite anterior. Antes de almoçar, ligo para meus clientes e me certifico de que eles ainda não se mataram ou que não desistiram de se matar. Procuro *crowdfundings* locais que precisem de apoio. Contribuo – às vezes até financeiramente. Antes do almo[...][...][...].

Qual foi o cliente mais difícil de dizer adeus?

A seita “Lado de lá”. Um grupo de 80 pessoas, mais ou menos. Eles se matavam conforme certas datas do calendário etrusco. Tinha um compromisso diário com aquela galera; foi um *team-building* fenomenal. Infelizmente, por falta de quórum, a seita já acabou. Vivi momentos inesquecíveis com eles.

E o dia mais feliz da sua vida?

O próximo.

Pretende se matar?

Jamais! A vida é maravilhosa. Pretendo viver até os 140 anos.

Você sabia que pode pagar para booktubers ao redor do Brasil exibirem seu trabalho sem eles terem lido, e, da mesma forma, pode pagar um preço maior para que eles – apenas assim – o leiam? Nós achamos essa informação ridícula o bastante, e, portanto, o que você acha de falar um pouco sobre ela nessa pergunta que não acrescenta e tampouco dialoga com o resto dessas páginas centrais?

Acho uma ótima forma de expor essa informação ridícula, porém verdadeira! Imagine só, booktuber que cobra para deixar uma foto no stories do Instagram por 24 horas – sem ter encostado no livro. Como se explica uma profissão dessas para a avó?

Exercício de imaginação para o Rock in Rio de universos paralelos

Existe aquela teoria de que o cosmos é tão grande, mas tão grande, que possui espaço suficiente para abrigar todas as possibilidades de universos paralelos diferentes. Ou seja, é tão grande que há espaço para existir um universo com uma Terra muito parecida com esta, na qual, neste exato momento, você não está lendo este texto, mas comendo um pedaço de kiwi. E outro universo no qual você está passando roupa para a festa de quinze anos da sua prima. Também há espaço suficiente para abrigar universos paralelos nos quais o Rock in Rio não é essa farofa que vemos de dois em dois anos na TV e nas redes sociais. A seguir, apresentamos alguns Rock in Rios registrados pela coluna em universos paralelos conhecidos pela ciência:

O Rock in Rio no qual o teor dos artistas escalados respeita o nome do festival: Em vez de sete dias de evento, são apenas dois. Há apenas bandas de rock que, por incrível que pareça, são cuidadosamente selecionadas e não são repetidas em todas as edições. Existe, inclusive, curadoria.

O Rock in Rio do universo paralelo no qual as pessoas respeitam a importância do Kraftwerk, e até entendem que o quarteto alemão foi mais influente para a formação da música pop ocidental do que os Beatles. São sete dias de festival, cada um dedicado exclusivamente a um dos sete álbuns

mais importantes da banda. Na sexta noite, uma multidão de cem mil pessoas canta, em uníssono, o inesquecível refrão “Boing Bummm Tschak / Boing Boing Bummm Tschak / POW”. Em cima do palco, Ralf Hütter não demonstra qualquer reação.

O Rock in Rio do BNeguismo. Na Terra deste universo paralelo, o mundo finalmente entende que BNegão, ex-vocalista do Planet Hemp, é o profeta e o portador da palavra que conecta as pessoas a Algo Maior. Nesta compreensão, o Rock in Rio se converte em um evento de devoção a BNegão. Quase uma festa gospel, com a diferença de que pessoas de quaisquer religiões são aceitas. Nos alto-falantes, ecoam sempre excertos de sabedoria como “Tudo vai e volta”, “O processo é lento” e “O caminhar contínuo nessa vibe deve ser o modus operandi”. Ninguém se estressa nas filas para o cachorro-quente.

O Rock in Rio que não deu certo e aconteceu apenas uma vez.

O Rock in Rio que, quando é realizado em outras cidades, como Lisboa, Madrid e Las Vegas, não se chama “Rock in Rio Lisboa”, “Rock in Rio Madrid” e “Rock in Rio USA”, mas “Rock in Lisboa”, “Rock in Madrid” e “Rock in USA”.

O Rock in Rio que foi confundido com um evento de literatura: Ninguém sabe exatamente os motivos, mas, no ano 2017 d.B.* daquele universo paralelo, as atrações principais de cada um dos sete dias de evento foram booktubers. Os ingressos foram esgotados com dez meses de antecedência. No mesmo ano, uma festa literária reúne os maiores nomes da música pop internacional em pequenas tendas no centro histórico de Paraty, no Rio de Janeiro.

Rock in Rio e-Sports Championship: Cem mil pessoas se reúnem na Cidade do Rock para presenciar a final do campeonato sul-coreano de League of Legends. Galvão Bueno faz a narração enquanto ocupa o espaço de maior destaque no palco. Aerosmith faz o show de abertura e, durante a partida, Steven Tyler surge proferindo agudos indistinguíveis a cada torre derrubada. O público vai ao delírio.

Plá in Rio: Cem mil pessoas sentam no chão ao redor de Plá para ouvi-lo cantando: “É a invasão das bicicletas / Bicicletas são para a gente / Um motor quente / Não-poluente / Parem os carros / Diminuem os carros / Queremos pedalar / Em todo lugar”.

*d.B: Depois de BNegão

Batalha de uma guerra eterna

O Cáucaso voltou às manchetes de um tempo pra cá, seja na nova anexação feita pelo império russo ou em eventuais atentados a bomba realizados por ativistas tchechenos. Pois um capítulo dessa guerra eterna volta às livrarias em forma de pequena e densa novela: *Khadji-Murat*, de Lev Tolstói (Editora 34), em outra exemplar tradução de Boris Schnaiderman.

Em 1852, Tolstói ingressou no exército russo e participou da guerra de anexação do Cáucaso. De seu aprendizado militar, surgiram obras das mais importantes, como *Guerra e Paz*. Porém, um dos pontos altos de sua produção extensa é essa novela baseada em personagem real. Khadji (aquele que fez a peregrinação a Meca) Murát foi um dos líderes de tribo tchechena muçulmana que habitava as montanhas da região. Em dado momento, outro líder raptava a sua família e Murát passa ao exército russo para literalmente dar-lhe o troco no fio da espada.

O que seria a história de uma vingança pessoal vira, na pena de Tolstói, profunda reflexão sobre eternos movimentos, de como um império moderno faz seu caminho de extermínio de outro povo que vivia em moldes quase anárquicos de autogestão. Prosa curta publicada após a morte do autor, é reconhecida como uma de suas obras-primas. Aqui vemos, entre outras qualidades, o que o cineasta Sergei Eisenstein mais prezava neste escritor: a riqueza imagética. Como define Boris no ensaio introdutório, “o máximo de realização literária parecia pedir a superação da literatura e o aparecimento de uma nova arte”.

Na tradução, Boris forja acurado elenco de notas de rodapé para contextualizar o leitor em detalhes da cultura russa e caucasiana. Como posfácio, a editora incluiu o breve, mas elucidativo “Tolstói: antiarte e rebeldia”, de Schnaiderman (Brasiliense, 1983), há muito esgotado. É obra de referência para quem quiser entrar no mundo do escritor.

A edição ainda traz orelhas com texto dos mais

iluminadores de Jerusa Pires Ferreira. Ela não era apenas viúva de Boris, mas destacada pesquisadora e professora da USP e PUC-SP – interlocutora e colaboradora do marido, a quem Boris nutria e expressava incontida admiração intelectual.

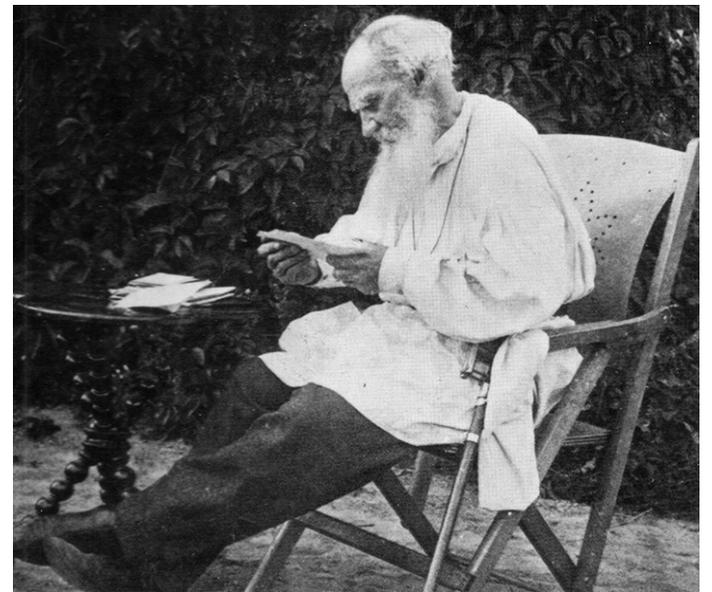
Para dar uma ideia da representação e do extermínio do outro, do diferente – tão imemorial e tão presente –, Jerusa termina seu texto lembrando que, em 1987, percorreu com Boris o império soviético, especialmente as trilhas de Khadji-Murat. No museu de Tblisi (Geórgia), estranharam a ausência de culturas dominadas. Perguntaram a um funcionário o motivo: “eram montanhese e deles havia apenas uma bandeira rota, esfarrapada”. Engano, temos esta novela agora reeditada.

Caro Magro e Dear Baby Flag

Não é o caso previsto em lei da violação de correspondência quando os envolvidos têm muito a dizer não apenas entre si, mas a todo um país. Pois acabam de sair as *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* (Global Editora), organizadas por Silvana Moreli Vicente Dias. As cartas revelam os mais variados aspectos entre os dois amigos pernambucanos, verdadeira arqueologia de sentidos a revelar bastidores da cultura brasileira.

A correspondência soma 68 cartas, sendo 14 de autoria do sociólogo e 54 do poeta, escritas entre 1925 e 1965, além de outros materiais como cartões postais, ensaios, crônicas, poemas e fotografias.

A importância dessa seleta é evidente, dado que os correspondentes escreveram algumas das páginas fundamentais do modernismo brasileiro. O título é revelador deste diálogo. Bandeira se define como provinciano, “aquele que está nos hábitos e do seu meio, que sente as realidades, as necessidades do seu meio”. Mais uma das afinidades entre Dear Baby Flag e Magro – como por vezes Freyre nomeia Bandeira e vice-versa nas cartas.



Pequenas editoras grandes leituras

As grandes e médias editoras nacionais assumiram a realidade de mercado dos EUA e da Europa – virarem grandes corporações. Entre os procedimentos adotados, está o de publicar apenas o que dá retorno em curto prazo, tudo provado em detalhes nas planilhas do Excel.

O que está literalmente salvando a pátria são micro ou pequenas editoras que atuam em determinados nichos de mercado e a apostar em títulos ou mesmo gêneros desprezados, na trilha do inesquecível Massao Ohno. Em pequenas tiragens de até quinhentos exemplares ou sob demanda, mantêm viva a possibilidade de experimentação e do novo entre outras possibilidades criativas.

É o caso da Epigrama, que acaba de lançar um volume de poesia e outro de ensaio. *Mistérios perenes* é uma coletânea de poemas de Álvaro Vandelli Filho. Uma das marcas de sua escrita está a de dialogar com tradições místicas e filosóficas, alcançando momentos dos mais preciosos neste ofício da poesia. Já Leopoldo Comitti dedica-se ao ensaio *O trapézio e a vertigem: ficção e utopia*, trabalhando os mais variados aspectos do filme já clássico *Der Himmel über Berlin* (1987) de Wim Wenders e Peter Handke. A tradução deveria ser *O céu sobre Berlim*, mas aqui ficou a versão equivocada da tradução francesa *Asas do desejo*. Para ler e guardar.

A questão coimbrã

Trecho

De Coimbra (de sua notória Universidade) saiu um dos mais homogêneos grupos literários do século 19: A Geração de 70. Todos moços, todos idealistas, simplesmente interessados em colocar a Pátria nos trilhos!

Para isso, começaram por mudar a mentalidade da época, esclarecendo por meio de conferências as tais mentes pensantes. E se bem o pensaram, melhor o fizeram: promoveram uma série de palestras elucidativas para ilustrar a necessidade da mudança no fazer literário, evento que passou à história como “Questão Coimbrã”.

Participavam do grupo Eça de Queiroz, Antero do Quental, Ramalho Ortigão, Coelho Lisboa, Oliveira Martins, entre outros menos afamados. Nesse meio, o mais exaltado e animado de todos foi o fabuloso poeta de quem Eça diria mais tarde ter sido a sua vida o resumo poético de uma angústia filosófica: Antero do Quental, inteligência brilhante, espírito inquisidor atento às mudanças literárias que se passavam no restante da Europa.

Universitários sempre se destacaram, em qualquer época, por ter um pensar original, geralmente diverso do estabelecido, a respeito de quase todos os aspectos da vida. Argumentava-se que, numa época de questionamentos e de grande desenvolvimento científico, tal aquela, tudo estava sujeito a revisões, todos os aspectos culturais e artísticos deveriam acompanhar o ritmo das Ciências. E ainda mais carregando o peso imenso das transformações que se espalhavam noutros centros mais desenvolvidos, a religião era interpelada em suas bases. Afirmavam que um dos motivos do atraso de Portugal era a excessiva “carolice” portuguesa.

De fato, a existência de Deus e os grandes problemas transcendentais costumam ser questionados por pessoas que se colocam intelectualmente um tanto acima do comum da maioria. E no arcaico Portugal não seria diferente.

Irreverente em matéria de religião, e ainda na Universidade, Antero do Quental, espécie de líder do grupo, fundara a Sociedade do Raio. Diz-se que toda a sorte de blasfêmias em que o alvo era o nome de Deus ali eram feitas. E consta, inclusive,

no anedotário popular, uma pitoresca historieta: numa terrível noite de tempestade, quando céus e terras pareciam acabar-se em água, o fundador desta Sociedade, olhando para o alto, cabeleira ao vento, de pé, braços abertos, declamava aos espaços: “Oh, tu, Deus, se de fato existes, manda-me um raio que me parta ao meio”.

Verdade ou não, o fato deverá ter sido, na ocasião, grandemente comentado, pois o próprio Eça de Queiroz o refere, alguns anos depois, no seguinte trecho de uma crônica dedicada ao querido amigo, após a sua trágica morte por suicídio:

Não recordo, nem sei se é histórica essa temerária noite, em que ele, durante uma trovoadas, e de relógio na mão, intimou Deus a que o partisse com um raio, dentro de sete minutos, no caso de existir. Desconfio já do altivo episódio. Antero não tinha relógio; e a sua exegese era já muito fina para assim confundir as maneiras de Jeová com as de Júpiter, – e se lançou o desafio satânico, foi rindo alegremente do excesso de sua fantasia.

Singularidades da alma humana: esse mesmo aparentemente irresponsável literato, este mesmo Antero apóstata, traria a público por influência de Alexandre Herculano o belíssimo monumento literário *Raios de extinta luz*, onde se encontram poesias da mais fina piedade, não uma piedade ditada pela fé enceguedida, mas fruto de profundas e preciosas reflexões transcendentais. Quem poderá ficar indiferente aos seus sonetos à Virgem Santíssima ou deixar de sentir a vibração intensa que existe no imortal soneto “Na mão de Deus” – primor de composição repleta de humildade e entrega?

Na mão de Deus, na sua mão direita
Descansou afinal meu coração
Do palácio encantado da ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita

A partir deste primeiro quarteto, pode-se perceber a confiança sublime, a humildade do ser que se reconhece ínfimo frente ao seu Criador. E o soneto vai desenvolvendo sentimentos vindos do mais fundo da alma que se anula. Que se entrega, como uma criança, enquanto reconhece a majestade e o poder supremo em contrapartida da sua pequenez

humana. E termina, alma prostrada aos pés da divindade, entregando-se confiadamente às mãos divinas que o abrigariam, certamente:

Dorme o teu sono, coração liberto
Dorme na mão de Deus eternamente.

Por certo, uma tão delicada alma que tão belos pensamentos produziu, merecendo do amigo Eça a alcunha de “Santo Antero”, não andaria gratuitamente a desafiar o seu Criador, a quem reconhecia como tal, mas serve o episódio para aquilatar a importância e a força das ideias de tão grandes inteligências e do clima intelectual e espiritual que reinava na época da célebre polêmica.

Antero, diz-se, era de temperamento exaltado, e vale aqui registrar sobre ele mais um saboroso trecho da mesma crônica de Eça:

Toda esta alma de santo morava, para tornar o homem mais estranhamente cativante, num corpo de Alcides. Antero foi, na sua mocidade, um magnífico varão. Airoso e leve, marchava léguas, em rijas caminhadas, que se alongavam até à mata de Buçaco. Com a mão seca e fina, de velha raça, levantava pesos que me faziam gemer a mim, ranger todo, só de o contemplar na façanha; jogando o sabre para se adestrar, tinha ímpetos de Roldão, os amigos rolavam pelas escadas, ante o seu imenso sabre de pau como mouros desbaratados. E em brigas que fossem justas o seu murro era triunfal. Conservou mesmo até à idade filosófica este murro fácil: e ainda recordo uma noite na rua do Ouro, em que um homem carrancudo, barbudo, alto e rústico como um campanário, o pisou, brutalmente, e passou, em brutal silêncio... o murro de Antero foi tão vivo e certo, que teve de apanhar o homem do lajedo em que rolara, de lhe limpar a lama da rabona, e de o amparar até uma botica, onde lhe comprou arnica, e o consolou, citando Golias e outros gigantes vencidos. No Garrano, nas Camelas, um prato com três dúzias de sardinhas e uma camada de “tinto” não o assustavam, nem lhe pesavam, pelo contrário. Depois, em face da Lua, na Ponte ou pelo Choupal, as suas cabriolas pelos céus da metafísica eram mais fulgentes e destras...

Movido pelo entusiasmo próprio da juventude, este gigante bom e impulsivo cedeu ao primeiro

pensamento: dar uma lição “neste mestre do Classicismo enferrujado”, fazendo publicar um folheto intitulado *Bom senso e bom gosto*, onde havia, infelizmente, expressões ofensivas aos cabelos brancos do ancião que tantas glórias trouxera a Portugal. Estivera, inclusive, no Brasil o Senhor Visconde, durante os tempos do reinado de D. Pedro II, para nos trazer um novo método de ensino da Literatura.

Calcule-se a indignação de Castilho ao ler as palavras apressadas do jovem poeta: “a futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança...”. Os insultos continuavam, e Antero opunha ao “magister dixit” a irreverência dos moços de Coimbra. Como era de se esperar, a questão efervesceu. Muitos escritores, não necessariamente românticos, saíram em defesa de Castilho: Pinheiro Chagas, furioso, Camilo Castelo Branco, e até Ramalho Ortigão, que convidou o exaltado a um duelo sem maiores consequências, todavia, todos condenavam o rompante ousado de um jovem impetuoso. E houve discussões exacerbadas. Importava desagrar o ofendido, rezando-se ou não pela sua cartilha.

Réplicas, palavras, comentários, tudo mostrava a virilidade do realismo nascente. A cada dia novas adesões. E foram marcadas as famosas Conferências do Cassino Lisbonense. Atividade febril. A primeira delas foi proferida por Antero, e tinha o pomposo título de “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos três últimos séculos”. Augusto Boromenho fez a segunda: “Literatura Portuguesa Contemporânea”, Eça de Queiroz exprimiou “Realismo e Arte” e Adolfo Coelho tematizou sobre “A questão do Ensino”. A quinta? A quinta não chegou a ser, porque a Polícia achou por bem fechar o Cassino e impedir o seu funcionamento. Por via das dúvidas, poderia haver represálias fortíssimas e as consequências talvez não se pudessem prever, sabendo-se que o seu título era nada mais nada menos que: “Os historiadores de Jesus”! O Governo pretextou nelas atacar-se a religião do Estado e certos princípios que as leis regulam e mandam respeitar: tudo, meninos, menos a religião, que em vossa terra fora sempre uma sólida instituição!

Pinheiro Chagas publicou em 1865 o seu primeiro livro, naturalmente que de feição ultrarromântico, prefaciado por Antônio Feliciano de Castilho. Há neste prefácio uma qualquer referência aos poetas revoltosos, censurando-lhes o movimento insipiente. Certamente que não acreditavam no redemoinho gerado pelos rapazes de Coimbra. Conforme se via, talento e coragem não faltavam aos jovens literatos insatisfeitos. Para eles, o Realismo eram favas contadas, uma realidade que grassaria vibrante e tomaria de assalto toda a produção literária de então, sepultando o Romantismo agonizante e mofado.

A polêmica se espriava. Muito mais pessoas se interessavam pelo que se passava no restante

da Europa e tomavam posição ao lado do progresso, consagrando-o como verdade. Uns poucos reagiam, baseando-se na tradição. Mas estava por demais trabalhado e sofrido o movimento para não vencer; ademais, havia a força da mocidade que nele imprimiu seus mais caros ideais, tantas mentes lúcidas bem inspiradas e “apadrinhadas” pelo que já se fazia no resto pensante da Europa. Não desistiriam enquanto o Realismo não se tornasse oficial. Sabendo lutar pelo que bem defendiam, dispostos a tudo, eles tiveram a satisfação de proclamar a vitória. Os espíritos cultos aceitavam plenamente e muito naturalmente os progressos da Ciência, da Indústria e da especulação psicológica, aplicando-os a toda Arte que produzissem desde então. Novas realidades, decorrentes de reflexões inusitadas, tornavam o ato de pensar algo muito diverso do habitual. Diferentes modos de raciocinar criavam novos parâmetros de viver e sentir a existência. Da França viera o brado de alerta contra o que tresandasse à irrealidade: descrições excessivas de sentimentos, melancolia, lirismo decadente e doentio, considerados extemporâneos, e como tal banidos e ridicularizados como inutilidades.

Queria-se a verdade, o real, mesmo que essa realidade fosse repulsiva ou estivesse em conflito com as normas vigentes da moral. Só se pedia que o escritor tivesse talento, porque os temas, esses, a observação clara e simples da vida lhes forneceria. Um material inesgotável teria o autor diante de si, bastando-lhe tão somente abrir muito bem abertos os seus olhos.

O mundo crescia, modificava-se a cada hora, e era preciso que o homem acompanhasse este progresso, não se deixando nunca estacionar ou, o que seria pior, regredir – esta, a maior exigência dos realistas. Pedia-se uma arte impessoal. Sua preocupação maior era a de situarem-se no plano social em detrimento do plano literário puramente ficcionista. Sinceridade em arte e a mais fiel representação do mundo no qual se vivia – em seus aspectos e costumes. E acreditava-se que uma das funções da arte era também a de educar.

O espírito de observação e de senso de realidade dominou os escritores, e assim, como consequência direta e inevitável, a escola realista iria descambar para o exagero do Naturalismo. Zola, Balzac, Flaubert e Daudet na França, Charles Dickens, na Inglaterra, Dostoievski e Tolstói na Rússia eram as grandes vozes ascendentes. E as transformações políticas e sociais, em quase todo o

Samantha Abreu da incapacidade de matar um poema

Você mira a boca aberta do poema e mete nela meia dúzia de tiros;

Você observa a ontologia do poema enquanto espana o ar com as mãos para dissipar a fumaça dos tiros;

Você quer se vingar da arrogância do poema que decorou as sagradas escrituras do seu tórax;

Mas você mal suspirou aliviada e o rabo do poema já concedeu a ele um novo corpo de matéria pegajosa;

O poema rasteja e imobiliza seu assombro quando você dá de cara com o fenômeno:

O corpo asqueroso do poema é a sua própria mão.

mundo, contribuíram para essa maior popularidade. Começava a era do humano dono da sua terra e do seu direito. Realismo e Naturalismo foram fortemente influenciados pelas pesquisas científicas então dominantes.

Esta segunda metade do século XIX foi extremamente profícua para as Ciências, e a qualquer momento surgiam novas descobertas confirmando teorias surpreendentes ou desmentindo antigos mitos, destruídos pelos novos métodos vulgarizados pelas experiências que podiam ser provadas em laboratórios. Uma era materialista, introduzindo teorias que contribuíram para um saber mais sólido e consistente, abalou o prestígio da Igreja tradicional e dominadora.

Em todos os campos do saber e da criatividade, as novidades eram intensas. Tudo se questionava, tudo se repensava. A literatura, decorrente da observação da jornada humana, nunca poderia se afastar da vida em curso, com todo o seu peso, com todo seu absurdo. O pensamento humano é uma inquirição contínua, e as formas de apreensão da realidade teriam que focar novos territórios. E outros modos de expressão eram bem-vindos. A arte se renovava, o olhar do homem deste século era agora bem outro; coisas ainda não consideradas seriam avaliadas como novidades que emprestavam viço a este terreno. Assuntos antes evitados, aspectos ainda não explorados da vida dos seres vivos seriam iluminados com uma nova maneira de abordagem. Mais real, mais autêntica e próxima da verdade.

Entrara o ano de 1871 e o Realismo como escola estava definitivamente consolidado.

por João Henrique Vieira

Roda de Poesia – tensão, tesão e criação

A criação artística e poética é permeada de tensão e tesão; assim, construída contínua e coletivamente, o projeto Roda de Poesia Tensão, Tesão & Criação se firma desde 2015 como uma política pública independente feita por poetas, produtores, ativistas e fazedores de arte, em sintonia com o público e sempre de forma pública. Uma trincheira de resistência para expressão e expansão da poesia contemporânea brasileira feita no Piauí.

O projeto congrega artistas de variadas gerações, consagrados e novos poetas surgidos no seio do próprio sarau. Fomenta a economia criativa e a produção poética e de público consumidor dessa produção. Da feirinha de arte ao microfone aberto, as rodas de poesia, há exatos dois anos, circula pelos principais espaços culturais da cidade. Em 2017, firmou temporada na Praça Pedro II/Centro Histórico de Teresina, local de resgate e reencontro com a arte que pulsa, questiona e impulsa. Traz à tona reflexões sobre a cidade e seu abandono melancólico – e por que não poético?

Demétrios Galvão às vezes, encontro mortes de outras vidas

os dias sopram um vendaval afoito
batida de metais pesados
em terreno insensato

trovoada de escárnios banindo existências
sangue gratuito regando nascentes
resíduos de chumbo, mercúrio, arsênio

as árvores da cidade choram os suicídios juvenis
os rios paralisam suas agitações aquáticas
velhos assombros visitam o presente

nessa terra devastada
um gutural crossover se eleva
na direção de uma esperança qualquer

– viver é palavra que se afirma com luta.

Lucas Rolim campo vivo

o corpo
é campo vivo
arado pelo tempo
agricultura de acidentes
crescendo à margem
do verbo elementar
plantio de acasos
cultivo experimental
no corpo
a lavoura é difícil
– a colheita nem sempre
é de bons frutos
sua sementeira
é arte estrangeira
– provém de muitas mãos
fora das cercas,
impossível impedi-la
o corpo
é campo aberto
– a nudez, inevitável

Fabrizio dos Santos

II
o corpo
vez em quando
não suporta o peso da batida
da nota que a boca solta
da nota que a guitarra grita

o corpo-vira-lata
vira alvo de arrepios

a musicalidade do quarto
(quase morada de silêncios)
traz promessas inadiáveis
de um futuro
de es tru tu ran te

quem falou que precisamos de passagens
portas atalhos vielas e janelas
?

arte é a parte da alma
que inventa os caminhos
arte é o corpo
não caber neste quarto
e ter um caso com o infinito

.

João Henrique Vieira sexo e solidão a três

sobe a luz do mesmo poste
embacenta como todas as noites
com lua ou sem lua, com mais ou menos vida
que estava a luzir aquela esquina há bastante
tempo
encontraram-se na mesma hora não marcada
mas sempre pontual
doidinho, celinha e lulu
um drogado
uma puta velha e viciada
e um viado metido a besta

ao ver doidinho, celinha abre um sorriso
escrachado e com um sonoro tapa na bunda
diz pra lulu
– hoje eu vou trepar e me chapar, ô coisa boa
é fuder doidona, vem doidinho, vem!
Lulu esgueira-se e de rabo de olho diz, dar para
aquele ali, meu cu nem treme
– pau é pau, é tudo igual, ficou duro eu engulo,
disse às gargalhadas celinha
– e fuma! Lembrou-lhe lulu
a puta não se conteve e soltou
– me desculpa, bicha, mas priquito é priquito,
faz milagres

ao cabo de meio baseado, doidinho enfia a
mão na bunda de celinha, enquanto lulu passa
a goma no baseado de modo lamber como se
chupasse um pau
doidinho olha e diz, doido pra chupar um pau,
né luluzinha, luís agosto!
– vai tomar no cu, fidirrapariga!
– eu vou, mas tu não vai, zomba-lhe doidinho

celinha pega o baseado e põe um peito pra fora
do decote

celinha doidinho noite lulu e o poste
– trepada na esquina –
sexo e solidão a três.

Breves olhares poéticos

Organizei os textos que seguem não por alguma ordem de leitura, mas pela ordem cronológica de suas respectivas publicações. Dois dos poetas resenhados são meus amigos, o outro conheço à distância, através de redes sociais. Nem uma situação nem outra me impedem de apontar aquilo que considerar falhas, tampouco de aplaudir aquilo que considerar eventuais acertos. Escreveu Álvaro de Campos sobre o Cancioneiro de Fernando Pessoa: “Sou demasiado amigo de Fernando Pessoa para dizer bem dele sem me sentir mal: a verdade é uma das piores hipocrisias a que a amizade obriga”. Seguem, pois, breves resenhas dos livros *Inventário de rumores e quimeras*, de Marcelo de Angelis, *Travessia*, de Marco Aurélio de Souza, e *Sinistros insones*, de William Teca.

1. Marcelo de Angelis – *Inventário de rumores & quimeras*. Há algum tempo, num desses encontros casuais (naquele café charmoso na Praça Generoso Marques), eu e Marcelo de Angelis marcamos de nos encontrar para tomar um café, trocar nossos respectivos livros e bater papo. Falamos principalmente sobre as agruras e peripécias da cena curitibana. Suas mazelas e suas delícias. Marcelo publicou seu primeiro livro, *Inventário de rumores & quimeras*, em 2016. É uma edição artesanal da Contravento Editorial. Seu livro breve, com versos breves, mas não leves, são pensados, lapidados, com um certo apelo ou (por que não?) deslize para o passo em falso no cotidiano. Marcelo, como é artista visual, trabalha o texto poético com um forte apelo pictórico, e o resultado é excelente. A começar pela capa dupla. O gaúcho de nascimento mas metamorfoseado em poeta curitibano, é um poeta artesão (seria também artesão poeta?), e as lacunas líricas são o que mais impressionam em seu trabalho inicial. Ouvi pelas vielas da província que Marcelo talvez esteja com livro novo no prelo.

2. Marco Aurélio de Souza – *Travessia*. É o terceiro livro do escritor de Rio Negro (PR) Marco Aurélio de Souza, o primeiro de poesia, editado

este ano pela Kotter Editorial. Marco Aurélio fez em *Travessia* uma espécie de retorno metafísico/ontológico à infância em sua cidade natal. Seus poemas funcionam muito bem como crônicas nas quais a memória exerce um papel fundamental. Porém, o estalo de Vieira em *Travessia* ou, já que Marco Aurélio trabalha muito com o lembrar, as suas madeleines são o próprio ato de escrever. A Rio Negro de Marco Aurélio é um simulacro das impossibilidades que já não existem, como a Itabira de Drummond, a Porto Alegre de Quintana, a Lisboa de Pessoa.

3. William Teca – *Sinistros Insones*. O curitibano William Teca (1975) publicou seu primeiro livro há poucas semanas, *Sinistros Insones*, pela Catalina Edições. Estudioso da literatura e escritor já maduro, Teca acerta de cara. Vale ressaltar que seus poemas apresentam claramente um caráter caótico, propositalmente anárquico, porém lírico quando quer, suave quando quer, sonoro quando quer. Em seu programa Meia com amargo, Teca atenta para o detalhe da inutilidade de discutir gêneros literários nos dias atuais. Afirma ser boba essa discussão sobre o que é um romance, um poema, uma novela. Segundo Teca, o cara que se importa com essa discussão é um tonto que não consegue escrever. Ele tem toda razão. A noção de haver uma necessidade de se preocupar com a literatura pura e simplesmente fica evidente em *Sinistros Insones*. Teca não intitula nem enumera seus poemas; vai da linguagem coloquial à erudita durante a mudança de um verso para outro, o que demonstra seu domínio do discurso poético como um todo. Teca já rompe com essa questão de gêneros na primeira página: “um dia começa com uma noite. mas, não uma noite mal dormida. um dia deveria começar com um poema ou uma canção, justamente aquela que você diz a si mesmo que não valia a pena. pena de você, meu velho. três horas da manhã: um bar e todas as normas da língua portuguesa, nenhuma certeza, e um grau elevado de álcool. está aqui um romance”.

Luiz Guilherme Delenski Giublin

A união entre o físico e o divino através do sexo na poesia de Lenore Kandel

I

Quando traduzimos poemas de Lenore Kandel para o português devemos ter o cuidado de apresentar a poeta para os leitores. Três fatores contribuem para isso. Primeiro, as escritoras que se aproximaram da geração beat permaneceram inéditas no Brasil por muito tempo. Seus trabalhos só foram traduzidos quando revelavam aspectos significativos sobre os homens da geração.

Segundo, a própria biografia de Lenore, que acabou afastada da vida pública pelos últimos 39 anos de sua vida, o que também causou um certo esquecimento de sua poesia no resto do mundo e no próprio Estados Unidos.

Terceiro, o pensamento estético da poeta, para quem os poemas não deveriam ser institucionalizados, sob a pena de perder a sua missão final de causar o autoconhecimento. Assim, Kandel lançou apenas um livro, na concepção tradicional do termo, em sua vida.

II

Lenore Kandel nasceu em 1932 em Nova York, mas já aos dois anos mudou-se para a Costa Oeste, em Hollywood¹. Aos doze anos, Lenore começou a escrever poesia e se converteu ao budismo a partir de estudos próprios, sem influência externa, apesar de vir de uma família tradicional judaica. Essa conversão e o profundo conhecimento do Zen Budismo marcam sua obra e ajudam na sua aceitação no grupo Beat.

Ainda muito jovem, com menos de dezoito anos, resolveu ganhar a vida por conta própria, apesar do bom padrão de vida que seu pai tinha, e exerceu diversas profissões, como professora de francês, modelo e dançarina do ventre em uma boate turca. Ainda nessa época, em 1959, lançou suas primeiras obras em versões artesanais, conhecidas como *chapbooks*. Por conta do tamanho reduzido da mídia, ela lançou de uma vez três desses *chapbooks*: *A passion dragon*, *An exquisite navel* e *A passion dragon see again*. Apesar da pequena tiragem das obras, conseguiu reconhecimento e apareceram diversos poemas seus na coletânea *Beat and Beatific II*, tornando-a uma escritora relativamente conhecida na contracultura estadunidense.

Porém, é nos anos seguinte que ocorre um encontro que mudou a sua vida literária. Lenore Kandel vai passar uma semana em São Francisco, onde o movimento beat efervescia, e conhece Lew Welch², poeta da geração. Junto com ele, ela vai para uma viagem na cabana de montanha de Lawrence Ferlinghetti, em Big Sur, e lá conhece diversos poetas, homens e mulheres, da geração e aparece como personagem no livro de Kerouac, também chamado *Big Sur*. Ela causa uma enorme impressão em Kerouac, que descreve Romana Swartz – o pseudônimo que dá a Kandel – como uma morena grande e bonita, com uma força sexual tamanha que poderia ser dada para satisfazer qualquer ninfomaniaco do mundo. Contudo, o mais impressionante é que o autor, apesar de ser como é,

elogia outros atributos dela e diz que era inteligente, uma boa poeta, que tinha boa bagagem de leitura e era uma estudiosa do Zen (KEROUAC, 2009). Apesar de ser muito ligada com os beats, Lenore participa de outros grupos. O mais notável de todos é o The Diggers, um grupo hip de inspiração anarquista. Poetas e artistas ligados ao grupo viajavam atrás de bandas de rock psicodélico pelos Estados Unidos e realizavam trabalho social em São Francisco, distribuindo roupas, comidas e remédios para moradores em situações de rua.

Ela entra nesse grupo junto com a escritora Diane di Prima, em 1966, mesmo ano em que fica definitivamente famosa, lançando um pequeno livro, de quatro poemas e oito páginas, chamado *The Love Book*, de teor marcadamente erótico, o que faz com que ela sofra censura.

Com sua fama consolidada, foi a única mulher convidada para o Human Be-in, em 1967, festa da contracultura que reuniu diversos grupos e dezenas de milhares de pessoas em um parque em São Francisco e contou com a participação de diversos artistas, como Allen Ginsberg e Timothy Leary. Como o evento aconteceu em 14 de janeiro, dia de seu aniversário, as trinta mil pessoas cantaram “Happy Birthday to You” em uníssono antes de ela começar a recitar suas poesias no palco.

Nesse mesmo ano, ela lança seu primeiro e único livro tradicional de poesia, *World Alchemy*, no qual faz um prefácio explicando *The Love Book* e a sua poética. Quando estava no seu auge artístico, em 1970, sofre um acidente de moto junto com seu namorado Billy “Sweet William” Fritsch³, e quebra a espinha. Houveram rumores, inclusive, de que ela ficou com o lado esquerdo do corpo paralisado, como cita o seu obituário no *The Independent*, porém, como demonstram vídeos dela feitos depois, ela podia andar, mas sentia muitas dores e por isso tinha dificuldades de locomoção. Por causa disso, ela acaba ficando enclausurada em seu apartamento de classe média na Folsom Street, no Mission District de São Francisco. Entretanto, os poemas que ela escreve nessa época e publica em diversas revistas mantém o mesmo tom dos antigos, mostrando que o acidente não mudou seu humor e visão de mundo (KANDEL, 2012).

III

Autores gostam de ser reconhecidos e, para tanto, precisam ser lidos. Para conseguirem serem lidos precisam publicar livros. Óbvio, normal e natural. Com Lenore Kandel era diferente.

Por seu estudo do Budismo, desde muito nova deixou de lado o apego material, como pode ser visto em seus poemas e em sua vida. Tendo dinheiro do pai, escritor e roteirista de sucesso, saiu de casa cedo para ganhar a vida na labuta. Viveu muitos

anos de um modo hip, sem posses. Depois do acidente, escolheu uma casa simples.

O sexo sem censuras ou eufemismo, atitudes que prejudicariam o caminho do autoconhecimento budista, é um dos seus temas principais. Seus estudos budistas, além de explicarem sua obra poética, esclarecem também a forma que eles foram publicados. Nos seus três chapbooks de 1959, ela reuniu 28 poemas. Poderia tê-los lançado em um livro, ao invés de brochuras artesanais de tiragem mínima. Seus poemas foram reconhecidos, já que foi uma das pessoas com mais poesias publicadas na importante coletânea *Beat and Beatific II*. Mesmo assim, depois da fama, nunca pensou em reunir esses 28 poemas em um livro, onde alcançaria um público maior e, conseqüentemente, mais reconhecimento.

Depois desses chapbooks, passa sete anos, mesmo tendo um prestígio entre autores e formadores de opinião da época, apenas publicando poemas em revistas e jornais, só lançando um novo livro, de fato, algo mais parecido com um encarte de vinil, com apenas quatro poemas, ou mais precisamente dois, já que um deles é dividido em três partes. Oito páginas: foi o tanto necessário para Lenore Kandel suprir sua necessidade de publicar após de sete anos de silêncio.

É a partir desse livro que ela ganha fama em todos os Estados Unidos. *The Love Book* era vendido apenas em duas lojas de contracultura: City Light Books e The Psychedelic Shop. Ainda em 1966, a polícia invade os dois lugares e confisca os livros, segundo o promotor, por conter pensamentos lascivos e excitados. Lenore não contrata advogados e se defende sozinha dizendo que, para ela, a aceitação do divino só pode ser conseguida por meio do amor físico.

Esse era um pensamento que Kandel colocava em prática, chamando a atenção de todos a sua volta pela sua energia sexual. Lembremos o que Kerouac falou dela e também podemos entender esse seu lado em *Off Road*, onde Carolyn Cassady descreve ela como uma deusa da fertilidade, isso apesar de Kandel nunca ter tido filhos (CASSADY, 1990).

Ainda em 1966, a Suprema Corte da Califórnia dá ganho de causa ao estado e bane o livro. O interessante é que isso ocorre no final do ano e, em sete de junho do mesmo ano, a suprema corte federal estadunidense já havia abolido a censura literária depois de liberar a venda de *Almoço Nu* por conter, além do lado sexual, relevante importância social e admitindo que, se aquele livro podia ser publicado, nada mais poderia ser censurado por conter pornografia.

Lenore então consegue um mandado de segurança para continuar vendendo a obra e leva o caso para a suprema corte federal, onde consegue a vitória final. Durante todo esse embate, o livro vira sucesso de vendas e Lenore figura de destaque nas artes estadunidenses. Grata pela repercussão, ela,

num gesto muito mais zen do que irônico, agradece a polícia que aprendeu seu livro e assim fez ele ser descoberto e destina uma parte da renda do livro para o fundo de pensão dos policiais da Califórnia.

Em entrevistas sobre o caso, a poeta comenta que só foi censurada, mesmo depois que a decisão sobre Almoço Nu saiu, porque, para a opinião pública conservadora, um homem pode escrever o que quiser sobre sexo, já uma mulher tem que medir suas palavras e temas.

No ano seguinte lança um outro livro, *World Alchemy*, também contendo cenas de sexo, mas mostrando mais o seu lado espiritual do que o físico. No prefácio dessa obra, ela fala que, durante o processo, o promotor havia dito que o problema de *The Love Book* era que ela usava uma linguagem direta, e não eufemismos. Respondendo a isso, diz que eufemismos usados por causa do medo são hipócritas e acabarão por destruir o poema e o poeta. Para ela, qualquer forma de censura, seja mental, moral, emocional ou física, seja de dentro para fora ou de fora para dentro, é uma barreira contra a autoconsciência (KANDEL, 2012).

Assim, a busca final da vida é a autoconsciência, onde poderemos conhecer tão bem nossos corpos que poderemos abandonar a roda do samsara e ir para o Nirvana, como prega o Budismo. A autoconsciência só pode ser conseguida com a verdade plena, assim Kandel não pode negar o que está passando em seu íntimo na hora de escrever o poema, e na hora em que escrevia o *The Love Book*. O que havia era a energia sexual que jorra do livro.

O poema escolhido para tradução foi “God/Love Poem”. Aqui o sexo é carnal. A masturbação, o sexo oral, a penetração, o prazer e o gozo trarão o divino para esse momento profano. Mas, antes de analisarmos um poema dela, não dá para deixar de citar a coletânea póstuma da autora chamada *Collected Poems of Lenore Kandel*, infelizmente hoje esgotada, podendo ser encontrada apenas através de mídia digital. Aqui aparecem todos seus poemas editados, além de 56 publicados em revistas, principalmente depois de seu acidente, 32 inéditos, um esboço de prosa não terminado, a introdução de *World Alchemy* e um prefácio feito pela amiga e escritora Diana di Prima.

Toda a força mística de Lenore, que por muitas vezes era transformada em sexual, pode ser vista em uma passagem do prefácio, em que di Prima narra que morou com a colega do Diggers um tempo e Kandel veio lhe dizer que fazia tempo que Diana não sonhava, mas isso iria mudar. Naquela noite, Diana teve um sonho revelador e que, segundo ela, a acompanhou e guiou sua vida por anos. Quando acordou Lenore meditava envolta em velas aromáticas e quando viu a amiga disse: “finalmente você sonhou”.

IV

GOD/LOVE POEM

1 there are no ways of love but/beautiful/ 2 I love you all of them 3 I love you / your cock in my hand 4 stirs like a bird 5 in my fingers 6 as you swell and grow hard in my hand 7 forcing my fingers open 8 with your rigid strength 9 you are beautiful / you are beautiful 10 you are a hundred times beautiful 11 I stroke you with my loving hands 12 pink-nailed long fingers 13 I caress you 14 I adore you 15 my finger-tips... my palms... 16 your cock rises and throbs in my hands 17 a revelation / as Aphrodite knew it 18 there was a time when gods were purer 19 /I can recall nights among the honeysuckle 20 our juices sweeter than honey 21 / we were the temple and the god entire/ 22 I am naked against you 23 and I put my mouth on you slowly 24 I have longing to kiss you 25 and my tongue makes worship on you 26 you are beautiful 27 your body moves to me 28 flesh to flesh 29 skin sliding over golden skin 30 as mine to yours 31 my mouth my tongue my hands 32 my belly and my legs 33 against your mouth your love 33 sliding... sliding... 34 our bodies move and join 35 unbearably 36 your face above me 37 is the face of all the gods 38 and beautiful demons 39 your eyes... 40 love touches love 41 the temple and the god 42 are one

DEUS / POEMA DE AMOR

1 não há formas de amar mas /belo/ 2 eu te amo de todos os jeitos 3 eu te amo / seu pau em minha mão 4 agitando-se como um pássaro 5 entre meus dedos 6 expandindo-se e crescendo 7 forçando meus dedos a abrirem-se 8 por causa de sua força pulsante 9 você é belo / você é belo 10 você é cem vezes belo 11 eu o golpeio com minhas amorosas mãos 12 com longas unhas rosas 13 eu o acaricio 14 eu o adoro 15 nas pontas dos meus dedos... na palma da minha mão... 16 deixo seu pau túmido 17 uma revelação / conhecida por Afrodite 18 houve uma época em que os deuses eram puros 19 /eu posso lembrar as noites entre madressilvas 20 ou dos sucos mais doces que o mel/ 21 nós éramos a união desse templo e desse deus 22 estou nua sobre você 23 e coloco minha boca... lentamente 24 ardo por te beijar 25 minha língua saúda seu corpo 26 você é belo 27 seu corpo move-se em mim 28 carne com carne 29 pele deslizando sobre pele dourada, 30 tanto a minha como a sua, 31 minha boca, minha língua, minha mão 32 meu ventre e minhas pernas 33 contra sua boca, seu tesão 34 deslizando... deslizando... 35 nossos corpos movendo-se em um encontro 36 seu rosto acima do meu 37 é o rosto de todos os deuses 38 e belos demônios 39 seus olhos... 40 amor tocando amor 41 o templo e o deus 42 estão unidos

Nos dois primeiros versos, a voz lírica já nos mostra a dualidade corpo e espírito resolvidos através do sexo. “Não há formas de amar”, o amor é imperativo, está junto da beleza da alma, é um estado puro, divino. Assim, o amor no seu sentido ontológico é único. No segundo verso, ela diz que “eu te amo de todas os jeitos”, depois do primeiro verso acabar em uma conjunção adversativa. O amor é absoluto enquanto estado de alma, mas pode ser praticado fisicamente de várias formas. O poema descreve formas íntimas do amor físico, como penetração, sexo oral e masturbação.

Dos versos 3 ao 17, aparece uma das formas que o amor espiritual se manifesta no físico, a masturbação, narrada de forma detalhada e poética. Aqui, nos versos 9 e 10, a tradução preferiu usar o pronome “você”, mesmo sabendo que em inglês o “you” é obrigatório e, em português ele geralmente some. Isso deve-se ao fato que é um momento íntimo dos dois e o uso do pronome marca esse momento entre um e outro, sozinhos no mundo, face a face, perto de serem tocados pelas divindades de outros planos astrais. Nos versos 11, 13 e 14, preferimos usar o pronome “o” para descrever a terceira ao invés da segunda, que se ligaria ao “você é belo” dos versos 9 e 10, para marcar a ideia que o eu-lírico personifica o pênis do homem e o trata por “you” no original. Pensamos que o “você” deixaria essa marca mais fraca do que o “o”, embora com essa escolha perca-se um pouco da ambiguidade.

Os versos 18 a 21, que formam uma estrofe, parecem quase um parêntese para falar do sagrado em meio ao profano narrado até então. Fala-se da época dos deuses e da pureza, época ligada ao tempo presente de todo o resto do poema, pelo conhecimento de Afrodite dito no verso 17 que o eu-lírico detém e usa na masturbação para o parceiro. Por isso, no verso 21, optamos pelo passado imperfeito, usando o “éramos” e não o “fomos”, já que o segundo dá um sinal de finalidade temporal, porém, a sacralidade do sexo que ambos estão fazendo não os deixa separarem-se desse tempo passado onde os deuses eram puros e únicos, no sentido da união do templo (a parte física, relativa ao ente) e de si mesmos enquanto entidades. No verso 21, preferimos traduzir “entire” para “unido” e não “completo” por causa do último verso, para a união da dualidade budista do corpo e da alma se fazer mais facilmente entendível e para que o pensamento ontológico da própria de Kandel fique mais evidente: o sexo une o corpóreo (que pode ser visto como profano por alguns) com o sagrado e divino da alma.

Dos versos 22 até 35, o sexo passa pelo oral de ambos e pela penetração, os corpos se movem um em cima do outro, o sexo consome-se até o fim. Na estrofe que comporta os versos 36 ao 39, o

eu-lírico vê os deuses que consumiram os corpos de ambos durante o ato sagrado no rosto de seu parceiro. Apesar do momento do sexo ser sagrado e divinizado, o eu-lírico percebe que há também o lado oposto, voluptuoso e ligado apenas ao prazer físico, porém, em um tom menor. O rosto do seu parceiro “é” o rosto dos deuses, ele divinizou-se com o ato sexual. Depois, apenas cita os belos demônios nos olhos, mas não diz que o parceiro “é” algum demônio, nem que os olhos “detém” demônios. Aqui, há a figura da elipse “e belos demônios/seus olhos”. É uma brincadeira com o profano, que obviamente também existe. O sexo é luxurioso tanto quanto sagrado. Existem nele os deuses, mas eles só estão lá a partir da carne.

Na última estrofe, a união foi conseguida totalmente. O templo e o deus estão unidos, ou seja, o corpo e a alma juntaram-se, o casal que acaba de transar chega a unicidade, o autoconhecimento a partir do sexo. Kandel via o sexo carnal como a aproximação máxima com o mundo divino e a forma de conseguir o autoconhecimento buscado pela sua ideologia budista Zen. O sexo é a união entre o corpo e o divino. Essa é uma das facetas da poética de Lenore Kandel, poeta que teve de se retirar da vida social por um acidente, resultando em um certo esquecimento. Mais traduções e, principalmente, trabalhos longos sobre sua poética se fazem necessários.

Notas:

1. Isso ocorreu pois seu pai, Aben Kandel (1897-1993), um judeu romeno que emigra para os Estados Unidos, era um escritor que alcançou sucesso na nova pátria, o que o levou a Hollywood como roteirista, tendo escrito dezenas de roteiros de filmes de terror B.

2. Lew Welsh foi um reconhecido poeta da geração beat, com quem Lenore namorou por alguns meses e foi o responsável por apresentar autores e autoras beatniks a ela. Teve um fim trágico, saindo da cabana do também poeta beat Gary Snyder carregando uma espingarda, depois de deixar um bilhete suicida. Seu corpo e a espingarda nunca foram encontrados.

3. Lenore Kandel conheceu Billy Fritsch no Diggers. Ele era um poeta – que nunca foi publicado – e um motoqueiro do grupo Hells Angels. Quando aconteceu o famoso show em Altamont do Rolling Stones, ele era líder do grupo de motoqueiros e foi quem aceitou fazer a segurança do evento em troca de cerveja. Durante um show, os Hells Angels espancaram diversas pessoas do público, incluindo músicos das bandas de aberturas e mataram um homem negro a facadas. Billy Fritsch não se machucou seriamente no acidente, entretanto, no ano seguinte, levou um tiro na cabeça. Também sobreviveu a essa segunda tragédia, passando o resto da vida com a bala alojada no cérebro. Kandel e ele passaram alguns anos juntos e se separaram depois do acidente.

Sérgio Mamberti

Cores do silêncio

O minimalismo se caracteriza na música pela repetição de frases muito curtas, que vão mudando gradualmente, produzindo um efeito de encantamento quase hipnótico. Essa definição, por si só, serviria para descrever a construção poética de Ana Paula Oliveira, onde cor e sonoridade são inseparáveis. Não há propriamente uma narrativa em sua obra, mas uma sucessão de imagens, dispostas num fluxo quase perene de modulações e contrastes, das quais se desprende uma rara expressividade. Não há gritos nem espasmos, apenas sussurros, que por vezes se intensificam, mas são dominados pela magia e pela sedução de um silêncio pulsante, que permanece todo tempo.

Não há sombras, nem contornos nítidos, nem mesmo perspectiva, mas uma sequência de transições tonais, construídas a partir de afinidades eletivas, que se misturam e se separam em limites tênues. Paisagens que podem até soar como oposições, mas que breve se descobrem como serenamente complementares.

Fios de memórias que ficaram perdidos pelo Rio Sena, pela Amazônia, pelas neves da Patagônia, que desembocam na aridez dessa selva de pedra, de praias e mares distantes em meio a lençóis brancos, onde dedos com unhas vermelhas percorrem transatlanticamente praias distantes, mares e marés, vales profundos, repercutindo no rangido das redes, nos casarões de Olinda, nas risadas das meninas. Vozes que ressoam através das caatingas, das profundezas do sertão, abrindo janelas de relvas e de dígitos, pérolas reluzentes advindas da mesma dor, do amor, desaguando doce em pedras salgadas.

Cavalgar, cavalgar, cavalgar. Em busca da luz. Secreta vibração que perpassa os versos, impregnando o silêncio, com remotas sonoridades matizadas em transparências, que se superpõem, fio a fio, como nas cordas de um violino.

Ana Paula Oliveira **Folhas de Relva**

Para Hilda Hilst

Vem deitar na relva
escuta o que sei dizer
das poesias e de Whitman.
Vem deitar na relva
“Apreende a experiência lésbica”.
Aprende o que digo.
Vem deitar na relva, minha selva
inventar-me poemas com teus dígitos.
Vem deitar na selva, no meu divã
e abre-me as janelas
caso eu acorde
apreende o que digo
de relvas e dígitos.

Felipe G. A. Moreira

... aí ela pelada pós-fornicação vem me dizer (meio sinceramente “sentida”) q ela acha q só publicou o poema lá no lugar tal pq o cara queria comer ela coisa e tal, e eu digo q porra, q podia ser bem pior, pq o cara podia não querer te comer e podia não ter te publicado e no fim vc nem teve q dar pro cara; vc só trocou umas msgs fazendo charminho como se vc fosse dar pra ele, mas vc nem deu; aí ela ri e diz q esse é o modo dela de resistir como “feminista deleuziana com quase 30 anos e mais de 30 dentes”, e me pergunta, o q vc achou do poema então coisa e tal, e eu digo q baby, não consigo mais dizer se gosto de tudo q vc escreve pq a gente transa em média uma vez e meia por ano (desde sei lá 2005?), ou se não gosto de nada q vc escreve pq não sei por assim dizer TE AMAR de verdade; aí ela diz pra falar a sério e eu digo q estou falando sério, q estou apontando para uma tese a ser defendida “seriamente” talvez um dia; a de que não existe juízo estético para além desse domínio aí dos afetos, mas que segundo O METAMODERNISMO, é preciso ajuizar tendo em vista q...

